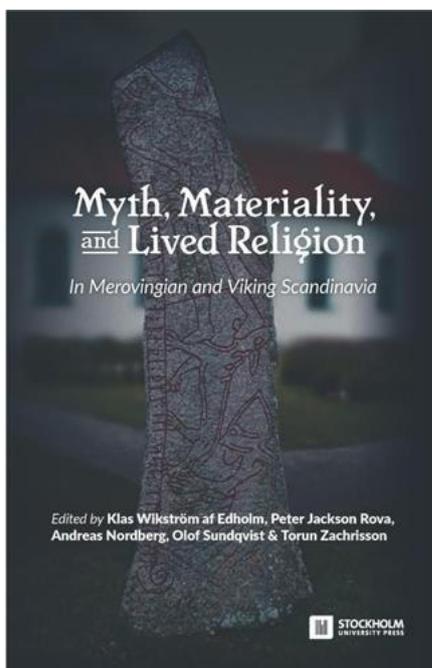


NOVAS PERSPECTIVAS SOBRE CULTURA MATERIAL NÓRDICA
NEW PERSPECTIVES ABOUT THE NORDIC MATERIAL CULTURE



WIKSTRÖM AF EDHOLM, K., Jackson Rova, P., Nordberg, A., Sundqvist, O. & Zachrisson, T. (eds.) 2019. *Myth, Materiality, and Lived Religion: In Merovingian and Viking Scandinavia*. Stockholm: Stockholm University Press, 2019.

Monicy Araujo Silva¹

Para além de ser um livro interessantíssimo, traz as discussões mais recentes sobre a Religião Nórdica Antiga, sendo uma reunião de trabalhos apresentados por especialistas em conferência realizada em Estocolmo (2015), evento que nomeia o livro. Logo na introdução, os organizadores esclarecem que inicialmente o intuito das conferências era apenas apresentar novas ideias, abrir o leque de pesquisas sem a intenção de publicar os artigos apresentados, porém as publicações desses trabalhos se mostraram de grande

¹ Doutoranda em Ciências das Religiões pela UFPB e membro do NEVE. Email: monicyashi2011.1@gmail.com Orcid: 0000-0003-2602-2921

importância para os estudos de Religião Nórdica Antiga, pois, como apontado no livro, o estudo acadêmico da Religião tornou-se por muito tempo quase a mesma coisa que o estudo da Mitologia Nórdica Antiga conduzido por filólogos e historiadores da religião. A partir dos anos 1990, vários seminários e conferências interdisciplinares vão mudar os rumos dos estudos da religião escandinava pré-cristã, mostrando a necessidade de uma interdisciplinaridade.

A conferência que resultou nesse livro, se concentrou na dimensão material da mitologia e no papel desempenhado pelos mitos na vida cotidiana, fazendo referência aos contextos sociais, rituais e materiais ainda que esse ponto não tenha sido muito explorado em pesquisas anteriores sobre o tema, apesar de importantes implicações teóricas. No entanto, essas discussões em torno da materialidade vêm tendo um crescimento significativo e se mostram de grande relevância não só para historiadores das religiões como também para os arqueólogos. Além dessas questões o livro busca responder algumas questões como o que os mitos dizem sobre a cultura material do período narrado e se os aspectos materiais e iconográficos contribuem para o conhecimento da mitologia, o que sem dúvida contribui tendo em vista que as fontes escritas possuem algumas lacunas que podem ser preenchidas com esses materiais.

O principal objetivo da conferência, que resultou nesse livro, foi contextualizar os mitos, ir além dos textos e discutir suas origens históricas e materiais, bem como suas configurações sociais e rituais. A obra tem um diferencial muito interessante que são as respostas ao final de cada capítulo. Essas respostas são comentários ou revisões de cada capítulo que enriquecem o debate trazendo outras questões além daquelas já tratadas em cada capítulo, propondo novos caminhos ou corroborando os já discutidos.

Os editores são associados ao Departamento de Etnologia, História das Religiões e Estudos de Gênero da Universidade de Estocolmo, Suécia. Eles dividiram o livro em três partes, a saber: “*Part I: Myths and texts*” (com três capítulos); “*Part II: Myths and Pictures*” (com quatro capítulos) e a “*Part III: Myths and Lived Religion*” (com seis capítulos). O primeiro capítulo da parte I intitulado “*Gold is Red: Sigurðarkviða en skamma 49–50*” de Merrill Kaplan com resposta de Agneta Ney, trata dos bens funerários de Brynhild em *Sigurðarkviða*, dando

ênfase aos bens dados para as servas acerca de uma aceitação ou não dos presentes, além de trazer uma ideologia contemporânea no texto e discute sobre a possibilidade de uma não preservação de certo rito funerário. O segundo capítulo dessa parte I intitula-se *“Halls, Gods, and Giants: The Enigma of Gullveig in Óðinn’s Hall”* de Tommy Kuusela e resposta de Eldar Heide discute e interpreta a figura enigmática de Gullveig. Ela é uma figura feminina que foi queimada pelos deuses no salão de Óðinn e geralmente é interpretada como sendo Freyja no Vøluspá e esse ato é geralmente considerado como o início batalha entre dois os grupos de deuses - os Æsir e os Vanir, entretanto o autor não concorda com essa interpretação e argumenta que Gullveig deve ser entendida como uma gigante, e que os atos contra ela leva à guerra entre os deuses (uma aliança de Æsir e Vanir) e os gigantes. O mote principal do capítulo é uma nova análise da primeira guerra como é referida no Vøluspá.

O terceiro capítulo desta parte I, *“Mercury – Wotan – Óðinn: One or Many?”* de Jens Peter Schjødt e resposta de Peter Jackson Rova é um dos mais interessantes dessa parte I. O capítulo trata de um dos deuses que mais desperta curiosidade em vários meios, Óðinn. O norte da pesquisa gira em torno das “origens” do deus, de uma “formação” dessa figura. O capítulo discute alguns aspectos do problema da análise do deus Óðinn do ponto de vista da História das Religiões. Ele aponta que a maioria dos estudiosos vê a recepção medieval de Óðinn como um ‘resultado final’ de um desenvolvimento de um estado muito mais simples. Nos estudos de maneira geral há uma disputa sobre o desenvolvimento histórico de Óðinn, uma origem antes da Idade do Ferro germânica, desde os imigrantes indo-europeus do início da Idade do Bronze ou algo no meio desses dois caminhos. Assim, partindo de uma problemática do tipo comparativa, ele discute principalmente a relação entre Óðinn e algumas figuras divinas anteriores que foram vistas como cognatos entre outras culturas germânicas e a cultura clássica. Schjødt conclui, e o autor da resposta concorda com ele, que Óðinn como todos os outros deuses, fez parte de um processo de transformação permanente e esse processo de transformação ocorre em outros aspectos da religião como um todo já que as noções religiosas mudam mesmo em áreas bastante pequenas e mesmo de um indivíduo para outro principalmente por não haver uma elite teológica especializada para tentar manter uma homogeneidade, ou seja, as concepções religiosas mudavam o tempo todo, às vezes rapidamente, às vezes lentamente, mas mudavam.

As manifestações iconográficas dos mitos refletem como as pessoas na sociedade perceberam os relatos míticos, os seres divinos e o mundo cósmico em diferentes contextos. A parte II do livro vai tratar dos mitos e imagens onde os textos buscam justamente compreender, interpretar e reinterpretar as formas que os mitos são retratados por meio das imagens e sem dúvidas é uma parte muito importante por trazer novos olhares para interpretações já feitas há certo tempo. O primeiro capítulo dessa parte II, *“Myth on Stone and Tapestry: Ragnarök in Pictures?”* de Anders Hultgård e resposta de John Lindow, faz uma avaliação crítica das interpretações que sugerem motivos do Ragnarök na iconografia da Era Viking. Hultgård seleciona alguns monumentos e objetos mais importantes que foram associadas ao Ragnarök: Cruz de Gosforth, Pedra de Tullstorp, Pedra de Leadberg e as tapeçarias de Överhogdal. O autor traz uma interpretação bastante complexa da Cruz de Gosforth, faz algumas críticas às interpretações como, por exemplo, segundo ele, a figura masculina que geralmente é interpretada de acordo com a descrição da Edda em Prosa como sendo o deus Víðarr, que está rasgando as mandíbulas do lobo Fenrir, para ele não é, pois os detalhes da imagem não condizem com as descrições da Edda Poética, que são aproximadamente contemporâneas à data da Cruz de Gosforth. De certa maneira a análise mostra que as pesquisas trazem um grau de certeza que não se pode ter quando, quando se pode mostrar que detalhes de imagem e texto divergem, nesse sentido, não há uma resposta definitiva.

O terceiro capítulo dessa parte II, *“Re-Interpretations of Gotlandic Picture Stones Based on the Reflectance Transformation Imaging Method (RTI): Some Examples”* de Sigmund Oehrl e resposta de Anne-Sofie Gräslund é o mais interessante dessa parte. É um trabalho mais aprofundado de um artigo já publicado antes que busca reinterpretar as imagens das Estelas da Ilha de Gotland. A iconografia desses monumentos é uma grande fonte para pesquisas sobre Religião Nórdica Antiga e pode fornecer percepções completamente novas sobre religião, com motivos que não são conhecidos literalmente pela tradição. Oehrl chama atenção para um achado desconhecido de St. Valle em Rute Parish. Nesse monumento há um homem com um capacete chifrudo pairando atrás da popa de um navio, semelhante à figura Eidolon chifruda que nas placas do capacete do Período Merovíngio, que auxilia o cavaleiro no lançamento da lança, como uma espécie de ajudante divino na batalha. Ele aponta ainda

que na literatura nórdica antiga não há paralelos notáveis com essa descrição de uma escolta divina no mar. Essas representações iconográficas são importantes e únicas fontes para a mitologia, mas há problemas nas representações contidas nas pedras que são difíceis de identificar, além dos baixos relevos e também há a degradação que dificultam ainda mais algumas identificações. Ainda nesse trabalho, ele lista métodos antigos e novos para visualização e melhoramento das imagens e sem dúvida o avanço nas técnicas de visualização trazem novas interpretações para imagens que há anos já estavam com sua interpretação ‘fechada’. Como, por exemplo, com o apoio do novo método RTI ele investiga a cena tradicionalmente chamada de “Gunnar no poço da cobra”, representado na Estela de Hunninge na paróquia de Klinte. A partir da imagem RTI, Oehrl pode concluir que a pessoa no poço da cobra não é um homem, mas uma mulher, o que exige uma nova interpretação da imagem.

Ainda nessa parte II, o último capítulo “*Gold Foil Figures and Norse Mythology: Fact and Fiction?*” de Margrethe Watt e resposta de Olof Sundqvist, analisa as figuras de folha de ouro e busca fazer a relação entre elas e a mitologia, estas foram estabelecidas como um “tipo” arqueológico por quase 300 anos e são bem conhecidas pelos arqueólogos escandinavos. A autora chama atenção que é um fenômeno puramente escandinavo e estão associadas com grandes e importantes locais de assentamentos. A maioria é encontrada no Báltico e ao contrário de outros tipos de artefatos, estão quase completamente ausentes nos túmulos. Destaca ainda que há as poucas fontes escritas que fornecem informações diretas ou indiretas sobre as condições políticas ou religiosas na Escandinávia na época da produção e uso das figuras de folha de ouro. E analisa os conceitos gerais expressos nos detalhes iconográficos, como o conceito de ‘o senhor da guerra’, ‘o rei dos deuses’ e ‘o vidente’, por exemplo.

Na Parte III, “Mitos e Religião Viva”, os trabalhos giram em torno de alguns aspectos da religião vivenciada pela sociedade escandinava. Os editores explanam que um conceito de religião vivida foi formulado e desenvolvido especialmente por estudiosos norte-americanos, para abarcar a dicotomia existente na problemática entre uma ‘religião oficial’ e uma ‘religião popular’. Nesse sentido, esses aspectos incluem as estruturas fundamentais e comuns da religião, as muitas variações individuais, as ‘festas formais’ e cultos

institucionalizados e rituais oficiais, bem como tradições religiosas variadas na vida cotidiana. O primeiro capítulo dessa parte III, *“Finitude: Human and Animal Sacrifice in a Norse Setting”* de Christina Fredengren e Camilla Löfqvist e resposta de Klas Wikström af Edholm, é um dos mais interessantes dessa parte, ele trata do sacrifício humano e animal em um cenário nórdico e aponta que a evidência arqueológica para o sacrifício humano e animal nem sempre é apresentada de forma direta. Chama atenção que é necessário discutir quais tipos de deposição são qualificados como sacrifícios. Além disso, artigo expõe alguns resultados do projeto *“The Water of the Times”* que mapeou e datou por radiocarbono depósitos de restos humanos e animais, buscando compreender quais os efeitos desses depósitos durante o final da Idade do Bronze e Idade do Ferro e investiga que relações entre humanos, animais, meio ambiente e o divino surgiram em diferentes épocas.

O projeto se concentra em deposições de restos humanos e animais em águas e pântanos na região de Uppland para compreender como os depósitos criam, mudam ou mantêm relações particulares entre humanos, animais, pântanos e possivelmente também o divino. Durante a Idade do Bronze e a Idade do Ferro pôde se perceber que os depósitos continham principalmente animais domesticados como gado, ovelhas/cabras, porcos e cavalos e durante a Idade do Ferro os conteúdos dos depósitos mudam consideravelmente, quando humanos e cavalos dominavam, dessa forma, os depósitos se mostram como uma base alternativa para o estudo do sacrifício.

O segundo estudo dessa parte III, *“Understanding Embodiment Through Lived Religion: A Look at Vernacular Physiologies in an Old Norse Milieu”* de Frog e resposta de Margaret Clunies Ross é muito interessante também. Trata da materialidade dessa religião vivida e questiona a relação entre especialistas em rituais, as tecnologias de suas práticas e a imagem corporal com a qual fazem interface. O autor não pretende oferecer um relato completo de cada instituição e suas fontes e sim abrir a questão de se essas práticas podem ter sido interfacetadas com diferentes imagens corporais, nesse sentido, busca evidência textual nórdico-islandesa antiga para compreender a relação entre a experiência corporificada e as tecnologias rituais que se supõe terem sido praticadas no ‘mundo nórdico antigo’, além de identificar diferentes tipos de especialistas em rituais.

Seguindo ainda a parte III, destacamos mais dois capítulos, bastante interessantes também, a saber: “*Animals and the Blót in the Old Norse Sources and Ritual Depositions of Bones from Archaeological Sites*” de Ola Magnell e resposta de Kristin Armstrong Oma e o capítulo “*Configurations of Religion in Late Iron Age and Viking Age Scandinavia*” de Andreas Nordberg e resposta de Maths Bertell. O primeiro faz uma análise comparativa do sacrifício de animais em fontes escritas e o registro arqueológico com ossos de animais interpretados como representativos de deposições rituais. No mundo escandinavo os animais desempenham um papel importante tanto nas fontes escritas quanto no registro arqueológico. O estudo vai se basear na compilação de várias escavações diferentes para mostrar como o registro arqueológico, e especialmente os ossos de animais, podem ser usados para estudar os sacrifícios de animais. O segundo é um capítulo importantíssimo e trata justamente da variação cronológica, espacial, religiosa e social que tem sido uma área de estudo cada vez mais significativa nas pesquisas sobre a Escandinávia pré-cristã. O capítulo se mostra importante por adicionar uma perspectiva de religião comparativa na diversidade religiosa durante a Era Viking contrapondo uma diversidade religiosa que significava a vinda do cristianismo ou contatos Sámi e encontros muçulmanos. É importante levar em consideração que a Religião Nórdica antiga deve ser vista como um guarda-chuva com diversos cenários e ambientes moldando diferentes expressões religiosas. O autor aponta ainda uma ausência de uma abordagem comparativa nos estudos de Religião Nórdica Antiga, mas as questões levantadas por outros materiais precisam ressoar nas fontes escritas ou arqueológicas, se não os paralelos não se aplicam.

O livro se mostra de grande importância para as pesquisas futuras ao mostrar que nem sempre podemos esperar encontrar uma divisão nítida entre os motivos e concepções religiosas pré-cristãs e cristãs na religião durante a Era Viking ou entre a Religião Nórdica Antiga e a religião de seus vizinhos. Além disso, é sempre importante levar em consideração que a religião que era vivida parece ter sido mais complexa do que as fontes às vezes parecem indicar e pouco estruturada formalmente. Assim, os novos métodos e perspectivas nas análises podem nos dar novas interpretações e impedir que as expectativas moldem o que lemos, ou queremos ler, no material de origem trabalhado.



Referências Bibliográficas

- LANGER, Johnni. A Arqueologia da Religião Nórdica na Era Viking: Perspectivas Teóricas e Metodológicas. In. *Revista Signum*, 2015, vol. 16, n. 1, pp. 4-27. Disponível em: <https://www.academia.edu/14757603>
- WIKSTRÖM AF EDHOLM, K., Jackson Rova, P., Nordberg, A., Sundqvist, O. & Zachrisson, T. (eds.) 2019. *Myth, Materiality, and Lived Religion: In Merovingian and Viking Scandinavia*. Stockholm: Stockholm University Press, 2019.